

CIES e-WORKING PAPER Nº 34/2007

**Autonomia habitacional não conjugal na Europa:
Portugal e Finlândia**

MAGDA LALANDA NICO

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE
1649-026 LISBOA, PORTUGAL
cies@iscte.pt

Magda Lalanda Nico é licenciada em Sociologia e mestre em Família e Sociedade. É actualmente doutoranda do Programa de Doutoramento em Sociologia do ISCTE e investigadora no CIES-ISCTE. Tem desenvolvido trabalhos nas áreas da família, do género, da juventude e das migrações. E-mail: magda.nico@iscte.pt

Resumo:

No âmbito da temática da autonomia habitacional não conjugal enquanto indicador simbólico da transição para a vida adulta, o presente *working paper* pretende ilustrar o potencial comparativo e analítico dos dados do *European Social Survey – 2004*, apresentando uma primeira análise comparativa entre dois países com perfis díspares de conquista de autonomia habitacional não conjugal: Portugal e Finlândia. Tal análise contempla algumas das variáveis que mais fortemente concorrem para a contextualização da disparidade das trajectórias para a vida adulta nestes dois países.

Palavras-chave: Juventude, Autonomia, Habitação

Abstract:

Circumscribed by the thematic of non marital residential autonomy as a symbolic indicator of the transition to adulthood, this *working paper* aims to illustrate the comparative and analytical potential of the *European Social Survey – 2004* data, by presenting a first comparative analysis between two countries with different paths to non marital residential autonomy: Portugal and Finland. This analysis contemplates some of the most important variables to the contextualization of this disparity of trajectories to adulthood in these two countries.

Key Words: Youth, Autonomy, Living Arrangements

Para os jovens Europeus as oportunidades de viver autonomamente ou de constituir família são enquadradas por diferenças de valores culturais e de género, mas também de condições socioeconómicas, de acesso ao mercado de trabalho e às modalidades de inserção neste, bem como pela ausência ou presença de políticas que possibilitem simultaneamente o emprego, a autonomia e a constituição de família (Sacareno, Olagnero e Torrioni, 2005; Oinonen, 2004).

(in Torres et al, 2007: 115)

O presente *working paper* desenvolveu-se em torno da conquista de autonomia habitacional não conjugal dos jovens-adultos. Este tipo de autonomia conquistada pela população jovem é aqui problematizado enquanto símbolo da transição para a vida adulta e indicador do abandono da infância e da dependência financeira e emocional (face à família de origem). No passado, o casamento era, por definição, o elemento essencial para a construção social do *adulto*. A infância ou juventude só terminava com a entrada em novos papéis familiares e, desta forma, a obtenção de autonomia habitacional relativamente à família de origem era apenas uma das consequências do casamento. Actualmente, a conquista da autonomia habitacional, sem o casamento ou outro projecto conjugal, começa a poder ser entendida como o novo símbolo da transição para a vida adulta, na medida em que o anterior modelo de transição (trajecto escolar seguido da entrada no mercado de trabalho e casamento) está, segundo Galand (1995 *in* Guerreiro *et al*, 2004), em franca erosão.

A autonomia habitacional não conjugal é também aqui tomada como consequência das políticas sociais e familiares existentes e disponíveis aos jovens, operacionalizadas através de instrumentos de incentivo ou apoio à transição para a vida adulta e autónoma¹. Após uma primeira incursão nesta temática², circunscrita empiricamente a nível nacional, tornou-se evidente, para uma completa compreensão do fenómeno e uma especial atenção oferecida às premissas atrás referidas (consequência directa das políticas sociais e familiares existentes e disponíveis aos jovens enquanto instrumento de incentivo ou apoio à transição para a vida adulta e autónoma), a necessidade de explorar quantitativamente as diferentes trajectórias de autonomia habitacional encontradas entre os vários países Europeus. Esta estratégia pretende colmatar as falhas explicativas oferecidas pela instabilidade remuneratória como única razão para a tardia saída de casa dos pais, na medida em que a relação entre os vencimentos e a tendência para se viver sozinho (leia-se, sem familiares nem cônjuge) na juventude não é linear (Michael *et al*, 1980; Goldscheider, 1993; Nico, 2005).

Se, por um lado, é encontrada em directrizes Europeias a ideia de que “a saída de casa numa idade de acordo com estilos e aspirações de vida caracterizadas pela modernidade, mobilidade, independência e desenvolvimento pessoal, sob condições que permitam aceder a condições adequadas de habitabilidade, é um processo natural de crescimento e deve ser considerado como um importante direito social ... [e] as

¹ Como refere Jarvin (*in* Singly, 2000: 24), “o recurso involuntário à ajuda familiar, no caso de problemas financeiros, fornece um exemplo de uma das formas de aplicação da ideologia fundada no indivíduo: tentar manter a sua independência do grupo familiar e se virar por si mesmo. No entanto, isso significa, na verdade, recorrer à ajuda proposta pelo Estado, o que se poderia interpretar como uma recuperação da esfera privada pela esfera pública”. Como referem Guerreiro e Abrantes (2004:11), os jovens esperam do Estado “apoios ao nível do acesso à habitação – vista como um dos aspectos importantes na passagem à vida adulta”.

² Nico, Magda Laland (2005), Quem não casa também quer casa: A conquista de autonomia habitacional na construção das identidades d@s jovens e das (in)dependências familiares, Dissertação de Mestrado em Família e Sociedade, ISCTE.

políticas habitacionais devem ser revistas de forma a aumentar as oportunidades de liberdade de escolha” (European Community *in* White, 1994: 86); por outro, é verificada em Portugal uma saída de casa dos pais tardia e por via do casamento e de um apoio financeiro familiar³.

A recolha bibliográfica de âmbito internacional e comparativo levada a cabo paralelamente ao trabalho empírico circunscrito a Portugal indica os países escandinavos⁴, nomeadamente a Finlândia, como os que melhor representam as trajectórias de saída de casa dos pais opostas às que ocorrem em Portugal, por sua vez, bastante tardias e na maioria das vezes associadas (ou devido) ao casamento. Análises comparativas demonstraram que “a autonomização das pessoas face aos ascendentes ou descendentes é maior nos países escandinavos, certamente devido a factores culturais que valorizam essa autonomização, mas também aos sistemas de protecção social. Em contrapartida, noutros países verificam-se maiores obstáculos a essa autonomia, não só por motivos de ordem cultural como também devido, em especial junto dos jovens, às dificuldades de inserção no mercado de trabalho e às desigualdades sociais” (Torres *et al*, 2007: 111).

É com base nesta distinção⁵ entre países do Sul (aqui representados pelo caso de Portugal) e países escandinavos (aqui representados pelo caso da Finlândia) que se privilegia, no presente *working paper*, uma análise comparativa de algumas das variáveis disponibilizadas pelo *European Social Survey* - 2004⁶. Tal análise fazer-se-á também acompanhar por dados empíricos recolhidos junto de jovens portugueses autónomos habitacionalmente, bem como de dados referentes à população jovem em Portugal (CENSOS 1991 e 2001: INE). O objectivo do tratamento dos dados foi estabelecer comparações entre algumas condições de vida, atitudes e valores da população jovem Portuguesa e Finlandesa, distinguindo os jovens que vivem em situação de autonomia habitacional (vive sem familiares nem cônjuges) da população jovem em geral.

O presente *working paper* é, do ponto de vista do desenvolvimento do projecto de doutoramento, exploratório, e do ponto de vista da sua forma, maioritariamente descritivo.

³ Ver Torres, Anália (1997).

⁴ “Verifica-se que o peso dos indivíduos a viverem sozinhos nos países escandinavos é quase três vezes superior do que aquele que se verifica nos países do Sul no seu conjunto, o que constitui um indicador claro das diferenças no grau de autonomização perante o grupo familiar mais alargado” (Torres, Mendes, Lapa, 2007: 108).

⁵ “Nos países escandinavos e na França, apenas 40% dos jovens ainda não se autonomizaram dos ascendentes. Ao invés, a partir da Holanda quase todos os países apresentam mais de 60% dos jovens a viverem em casa dos pais, com duas excepções: Portugal e Grécia. As percentagens menores de jovens a viverem com os pais nestes dois países, em comparação com outros países do Sul mas também do alargamento e do Centro da Europa apresentarem das percentagens mais elevadas de jovens com família constituída.” (Torres *et al*, 2007: 112).

⁶ Esta análise tem em conta o facto da crescente instabilidade e da desigualdade social entre os jovens-adultos estar fortemente dependente do tipo de Estado-Providência, como referido e analisado por Blossfeld *et al* (2005:12). Estes autores reforçam na sua análise o facto de estes diferentes Estados-providência implicarem diversas ideologias nacionais acerca da solidariedade social bem como da igualdade social e de género, e classificam-nos em 5 categorias: liberais, social-democratas (onde seria analisada a informação referente à Finlândia, caso este país tivesse sido incluído neste estudo comparativo entre 14 países), conservadores, orientados para a família (onde Portugal teria acompanhado os estudos sobre Itália e Espanha) e pós-socialista.

Diferentes trajetórias de autonomia habitacional: diferentes universos quantitativos

An early exit from the parental household may be supported by cultural values, but also by a favorable labor and housing market, as well as by welfare state provisions.

(2005) First European Quality of Life Survey: Families, work and social networks, European Foundation for the improvement of Living and Working Conditions

O principal objectivo do presente *working paper* incide na comparação das condições sociais e das trajetórias dos jovens⁷ autónomos (neste caso, que vivem sozinhos) em Portugal e na Finlândia, em 2004. Rapidamente se constatou que tal análise sofreria alguns constrangimentos⁸ na medida em que se a população inquirida, em cada um dos países, é numericamente idêntica, à população jovem que vive sozinha nos dois países correspondem percentagens muito díspares. Deste modo, entre os jovens finlandeses, a população autónoma do ponto de vista habitacional representa 27,8%⁹, entre os jovens portugueses tal percentagem atinge apenas os 4,6%. Assim sendo, o objectivo do presente trabalho passou a centrar-se na comparação de contextos propícios e contra-indicados à busca e conquista de autonomia habitacional (mais do que na comparação de condições de vida dos jovens autónomos nos dois países), privilegiando-se para tal a comparação entre a população dos 20 aos 34 anos em ambos os países mencionados.

É de referir que, embora nos estejamos a referir a dados que apresentam algumas reservas, se verifica, em ambos os países, uma ligeira sobre-representação dos homens (face às mulheres) entre os jovens que vivem sozinhos. Esta sobre-representação é, contudo, menor em Portugal do que o é na Finlândia. A amostra recolhida numa anterior investigação em Portugal, entre os jovens que usufruem ou pretendem usufruir do Incentivo ao Arrendamento por Jovens¹⁰ chegava mesmo a apresentar uma sobre-representação muito marcada das mulheres, o que vem sublinhar o facto de, entre os que seguem o caminho da autonomia habitacional não conjugal, as mulheres portuguesas demonstrarem maior necessidade (do que os homens) de recorrer a incentivos financeiros (públicos) para tal efeito.

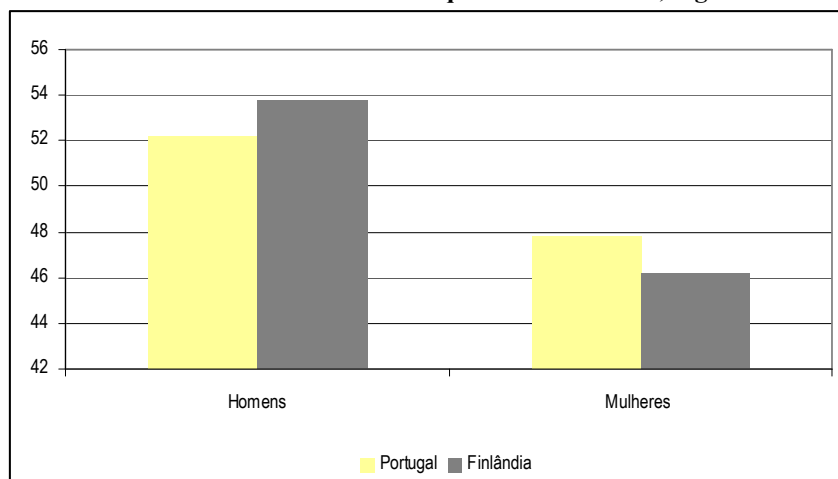
⁷ O intervalo etário aqui considerado é o dos 20 aos 34 anos.

⁸ Que não impediram a presente análise mas que tornaram as suas conclusões pouco extrapoláveis.

⁹ Segundo Oinonen (2004: 293), em 2001, 62% dos jovens finlandeses de idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos vivem de forma autónoma, sendo que para o intervalo que compreende as idades dos 25 aos 29 essa percentagem sofre um acréscimo para os 86%.

¹⁰ Que foi revogado pelo Decreto-Lei n.º 308/2007 através da criação do programa Porta 65.

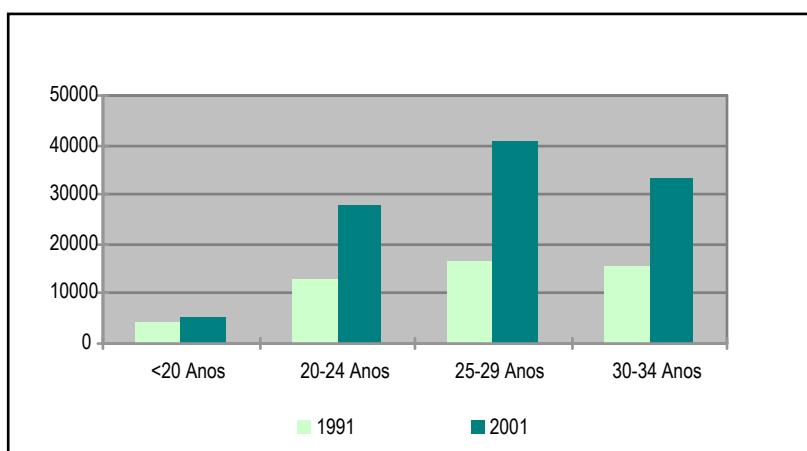
Gráfico 1: Indivíduos dos 20 aos 34 anos que vivem sozinhos, segundo o sexo (N)



Fonte: European Social Survey, 2004

Ainda que tendo sempre em conta que os jovens que vivem sozinhos em Portugal representam uma parcela muito pequena do total dos jovens, podemos verificar, no gráfico seguinte, que esse número tem vindo aumentar a um ritmo acelerado, sendo que nos intervalos de idade 20-24 e 25-29 este aumento representou, em 2001, a duplicação do número verificado em 1991.

Gráfico 2: Indivíduos dos 20 aos 34 anos que vivem sozinhos em 1991 e em 2001 (N)

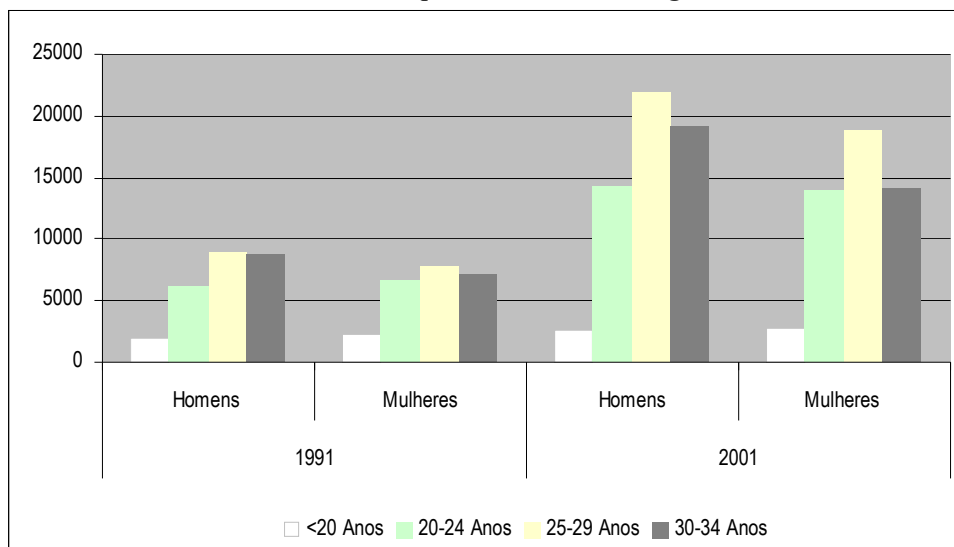


Fonte: INE, CENSOS 1991 e 2001

Podemos ainda verificar que o crescimento das mulheres e dos homens a viver sozinhos desenhou tendências idênticas, mas que é a partir do intervalo dos 25 aos 29 anos (atingindo o auge no intervalo dos 30 aos 34) que esta tendência para a autonomia habitacional entre as mulheres se começa a diferenciar da verificada para os homens. Tal está relacionado com o facto da entrada da mulher na conjugalidade ocorrer em idades mais precoces que as dos homens¹¹. Assim sendo, as mulheres acabam por ter “menos tempo” para viver, entre a casa dos pais e a cada do “casal”, na sua própria casa.

¹¹ A idade média ao primeiro casamento dos homens é de 28,4 e a das mulheres de 26,8 (INE, 2003).

Gráfico 3: Indivíduos dos 20 aos 34 anos que vivem sozinhos, segundo o sexo em 1991 e 2001 (N)



Fonte: INE, CENSOS 1991 e 2001

Satisfação com vários aspectos do país e da vida

Os níveis de satisfação (com a vida em geral, com a economia do país e com a forma como o Governo está a actuar) distribuem-se sob um mesmo padrão entre os quatro tipos de jovens aqui considerados: total dos portugueses e de finlandeses de idades compreendidas entre os 20 e os 34 anos, jovens portugueses e jovens finlandeses de idades compreendidas entre os 20 e os 34 que vivem sozinhos¹².

O padrão apresentado pelas respostas a estes vários níveis de satisfação revela alguns aspectos comuns. Um deles é que a população jovem finlandesa do grupo etário considerado releva sempre uma satisfação percentualmente mais significativa que a população jovem portuguesa (seja no seu total, seja entre os habitaionalmente autónomos). O nível de satisfação apresentado nos gráficos seguintes é assumido pela soma de metade das posições positivas da escala de satisfação. Esta elevada satisfação dos finlandeses é profundamente visível no caso dos aspectos mais exógenos como a economia do país e a forma como o governo actua. Nestes casos, se a satisfação dos finlandeses (que vivem sozinhos ou não) representa quase a totalidade das respostas, a satisfação dos portugueses é profundamente tímida, rondando apenas os 10%.

Um outro aspecto que se destaca dos dados expostos nos gráficos seguintes é que, entre os portugueses, o padrão de resposta dos jovens que vivem sozinhos revela-se muito mais desviante face ao total de jovens do mesmo grupo etário, do que o grupo homólogo finlandês face ao total de jovens finlandeses. Assim, e ainda apenas baseada nos níveis de satisfação com alguns aspectos da vida do país, é possível aferir que os jovens que vivem sozinhos em Portugal representam (não só nesse aspecto mas também, socialmente, em muitos outros) um exemplo da heterogeneidade deste grupo etário, ao apresentarem padrões de resposta que em muito se afastam dos verificados para o total dos inquiridos dos 20 aos 34 anos.

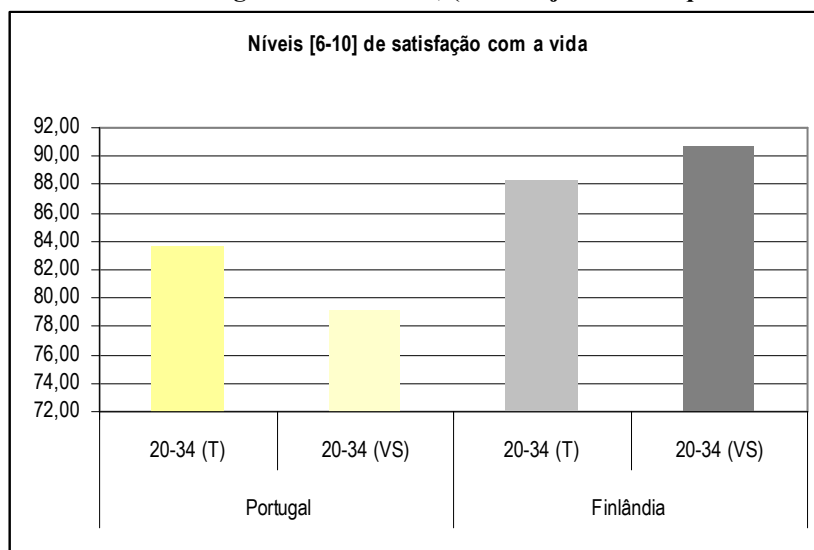
Um outro aspecto que é transversal a estes vários itens de satisfação é o facto da variação referida acima (da diferença percentual entre os jovens do grupo etário referido e os jovens habitaionalmente autónomos desse mesmo grupo etário) ser oposta entre

¹² Com esta comparação, exclui-se, enquanto variável, a saída de casa dos pais por via do casamento ou da união de facto.

Portugal e Finlândia. Assim, se os jovens autónomos finlandeses revelam uma maior satisfação nestes três níveis do que a encontrada no total da população jovem finlandesa em Portugal, são os jovens que vivem sozinhos que revelam, em todos os casos, níveis de satisfação menos elevados.

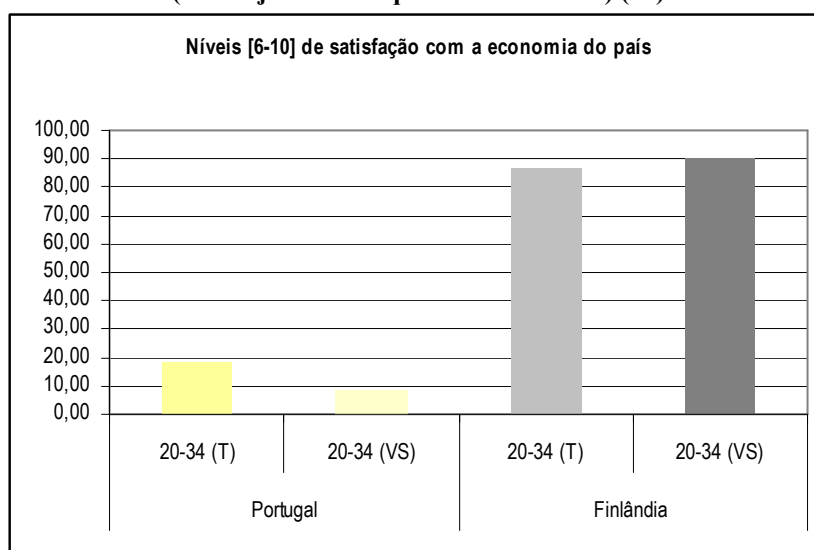
Apesar destes níveis de satisfação relativamente a estes factores exógenos serem, face à Finlândia, inferiores em Portugal, esta tendência esbate-se no caso da satisfação com um factor menos exógeno como a satisfação com a vida em geral. De facto, a satisfação da vida que se vive é tida como imune ao contexto em que esta se desenrola. É caso para referir que, face às circunstâncias externas, os jovens portugueses parecem ser mais optimistas (ou conformados) do que os finlandeses.

Gráfico 4: Percentagem de satisfação com a vida (respostas positivas dos níveis 6 ao 10) dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia, (total de jovens e os que vivem sozinhos) (%)



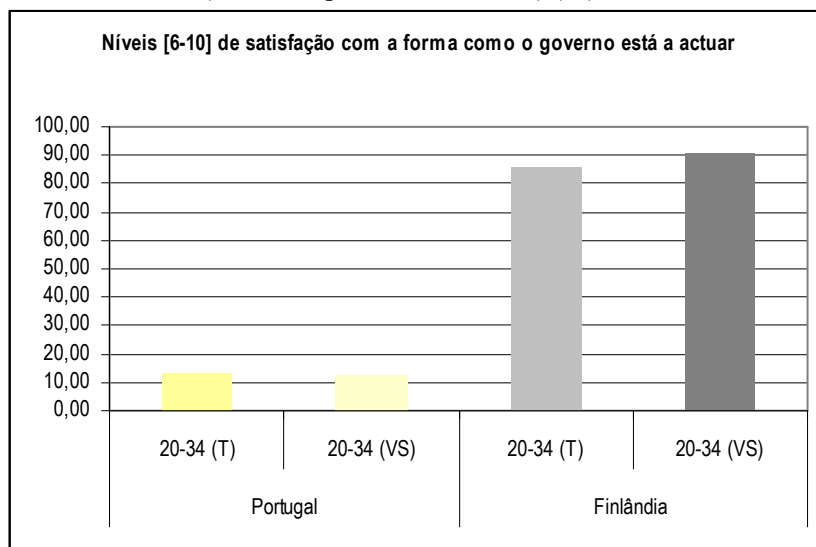
Fonte: European Social Survey, 2004

Gráfico 5: Percentagem de satisfação com a economia do país (respostas positivas dos níveis 6 ao 10) dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total e jovens e os que vivem sozinhos) (%)



Fonte: European Social Survey, 2004

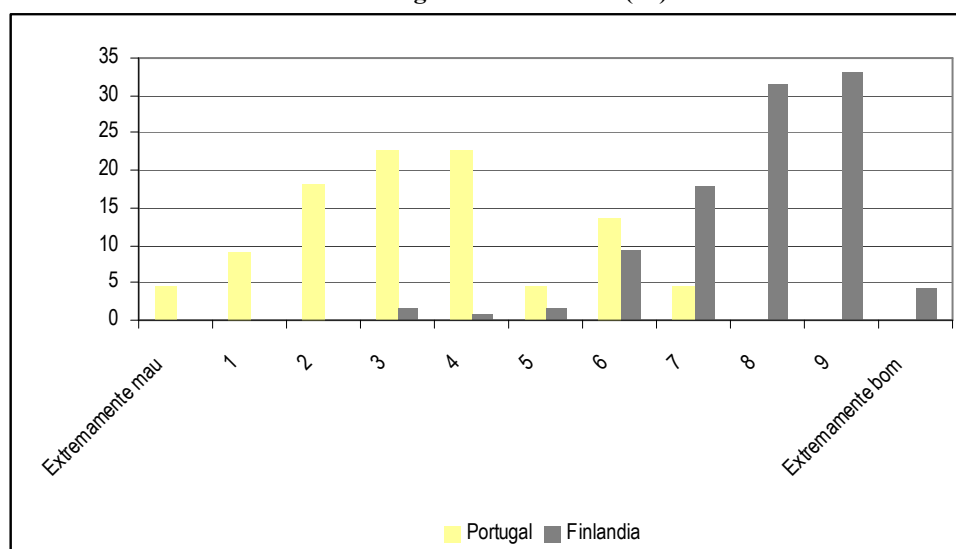
Gráfico 6: Percentagem de satisfação com a forma como o governo está a actuar (respostas positivas dos níveis 6 ao 10) dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia, (total e os que vivem sozinhos) (%)



Fonte: European Social Survey, 2004

O gráfico seguinte é muito claro na demonstração da diferença de apreciação do estado da educação em Portugal e do estado da educação na Finlândia feita pelos jovens que vivem sozinhos. Há uma clara distinção entre os limites em que essa avaliação é feita em Portugal e os limites em que essa avaliação é feita na Finlândia, com Portugal a concentrar-se nas 5 posições mais negativas e a Finlândia, pelo contrario, nas 5 posições mais positivas. Podemos concluir que embora tanto em Portugal como na Finlândia o nível de escolaridade não pareça interferir com a busca de autonomia habitacional não conjugal (na medida em que a distribuição pelos vários níveis de escolaridade apresenta homogeneidade por país), os padrões de resposta acerca da avaliação do estado da educação nos dois países são absolutamente opostos.

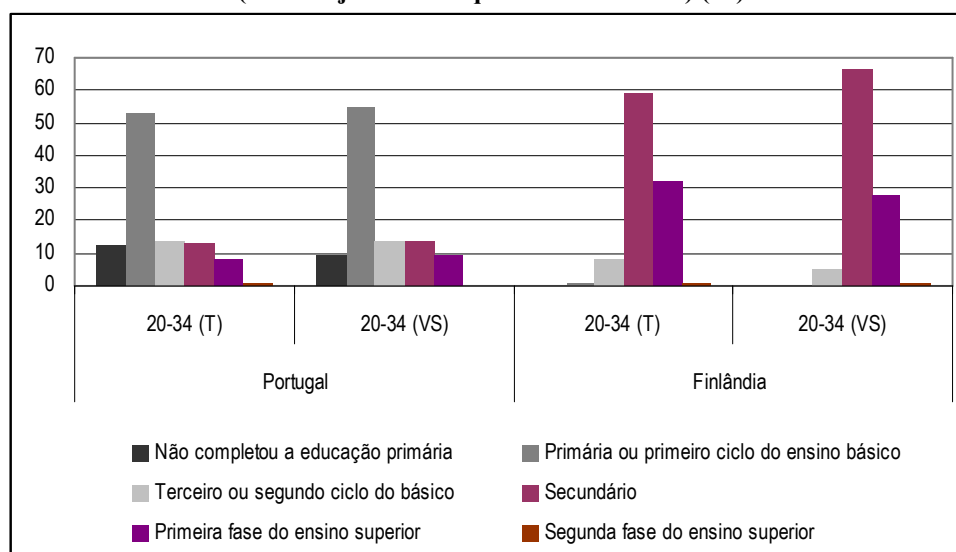
Gráfico 7: Avaliação do estado da Educação dos jovens a viver sozinhos dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (%)



Fonte: European Social Survey, 2004

A autonomia habitacional não é necessariamente objecto de desejo exclusivo (ou tendencialmente exclusivo) dos indivíduos com um percurso escolar mais longo, como se parece ser o caso para Portugal. De facto, entre os jovens habitacionalmente autónomos inquiridos no âmbito da dissertação de mestrado, apenas 30% detinham um grau de escolaridade ao nível do ensino superior¹³. Por outro lado, se existe alguma distinção nas populações jovens que vivem sozinhas na Finlândia e em Portugal é precisamente pelo facto de em Portugal esta população ser ligeiramente mais escolarizada do que a população jovem em geral e, pelo contrário, os jovens que vivem sozinhos na Finlândia serem ligeiramente menos escolarizados que a população jovem em geral¹⁴.

Gráfico 8: Grau de escolaridade dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total de jovens e os que vivem sozinhos) (%)



Fonte: European Social Survey, 2004

A este propósito é ainda de referir que, entre os jovens que vivem sós, é em Portugal que se concentra a maior percentagem de trabalhadores. Para os portugueses, mais do que para os finlandeses, viver sozinho é fruto de conquista de autonomia financeira. Para os jovens finlandeses viver sozinho é, mais do que fim em si mesmo, um meio para atingir um fim, isto é, um meio para a frequência de licenciatura fora da área de residência dos pais. Por esse motivo, a partilha de casa com não cônjuges nem familiares aparenta ser mais frequente na Finlândia do que em Portugal.

Estabilidade no emprego

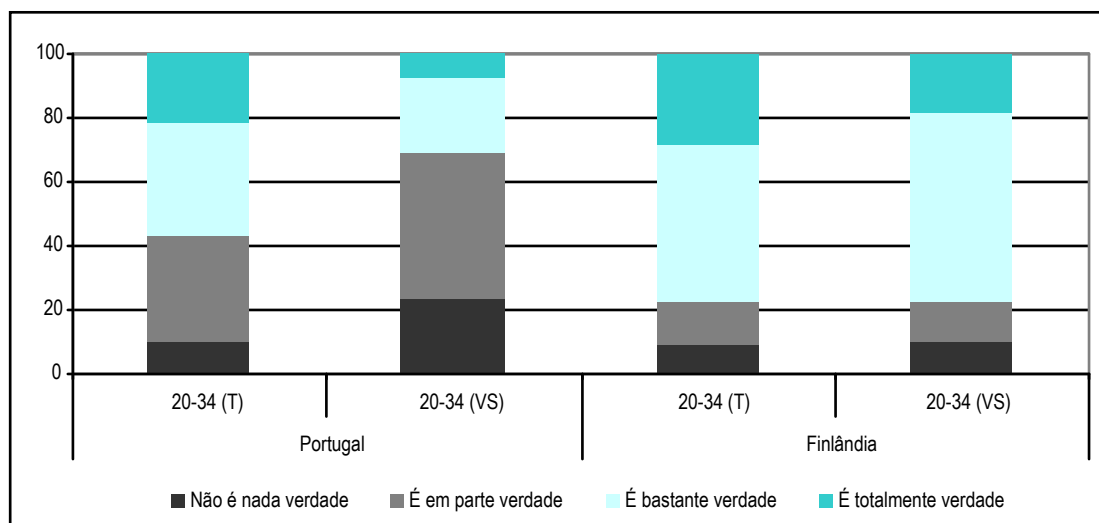
A percentagem que exercia, no momento da aplicação do questionário, um trabalho pago é relativamente próxima nos dois países e nos dois “tipos” de população aqui analisada, cerca de $\frac{1}{3}$ do total, ainda que os jovens que vivem sozinhos na

¹³ E apenas cerca de $\frac{1}{3}$ dos inquiridos saiu de casa inicialmente para estudar numa área de residência diferente da dos pais.

¹⁴ Tal poderá estar relacionado ao facto de ser mais comum, entre os finlandeses, a partilha de uma mesma casa com outras pessoas não familiares nem cônjuges. Assim, “morar sozinho” enquanto indicador de autonomia revela algumas fragilidades.

Finlândia sejam os que menor percentagem apresentam¹⁵. Quanto à estabilidade do emprego, é de referir que os jovens que vivem sozinhos e os que não vivem sozinhos, na Finlândia, apresentam padrões de resposta muito idênticos, com cerca de 80% a afirmar que o seu trabalho é bastante estável ou totalmente estável. A categoria “totalmente estável” é menos expressiva no caso dos jovens que vivem sozinhos, tendência válida para os dois países analisados¹⁶. Já em Portugal, não só essa característica assume valores muito menos elevados, como muito mais variáveis consoante o “tipo” de jovens a que nos referimos. Assim, apenas cerca de 60% do total de jovens dos 20 aos 34 anos afirma que o seu trabalho é bastante ou totalmente estável, sendo que entre os jovens que vivem sozinhos, quase 70% afirma que o seu trabalho não é nada estável ou que apenas o é em parte.

Gráfico 9: Segurança/ Estabilidade do trabalho dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total de jovens e os que vivem sozinhos) (%)



Fonte: European Social Survey, 2004

Rendimento dos jovens adultos

O gráfico seguinte releva mais uma vez a diferença dos jovens que vivem sozinhos na Finlândia e dos jovens que vivem sozinhos em Portugal. Em Portugal, os jovens que vivem sozinhos (isto é, que não partilham as despesas domésticas com mais ninguém) são precisamente os que nunca afirmam que “é muito difícil viver com o rendimento actual” (ainda que sejam também os que menos afirmam que “o rendimento actual permite viver confortavelmente”). Assim, os jovens que atingem este tipo de autonomia habitacional, para além de serem uma camada muito pequena da população, são também uma camada muito específica na medida em que é, quase exclusivamente, em contextos de à vontade financeira que esta decisão é tomada.

Deste modo, na Finlândia, a percepção sobre o rendimento é, entre os jovens que vivem sozinhos, mais negativa do que na população jovem em geral. Assim sendo, os jovens que moram sozinhos passam por maiores dificuldades económicas, é certo, mas

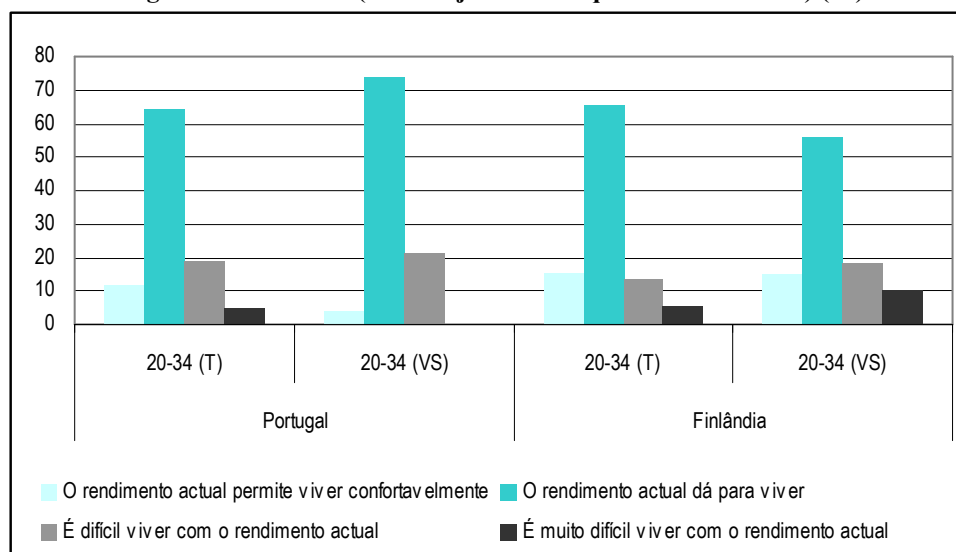
¹⁵ Dado, provavelmente, a forte incidência deste fenómeno entre os estudantes Universitários e das facilidades a eles atribuídas no sentido da obtenção deste tipo de autonomia habitacional.

¹⁶ Sendo que para Portugal a diferença entre os jovens que vivem sozinhos e o total dos jovens é muito mais expressiva.

não deixam por isso se constituir num número considerável. A autonomia habitacional poderá ser menos entendida como uma decisão que tem que ser coerente com a situação financeira e mais entendida enquanto condição coerente com o estilo de vida e com valores de autonomia. É de referir que à remuneração do trabalho é atribuída, face aos restantes valores do trabalho, a importância máxima, à excepção dos países escandinavos. De facto, estes “demarcam-se fortemente neste aspecto ao relegarem a importância da remuneração para o 5º lugar da ordem de saliências, como a Dinamarca (54%), ou para o 4º lugar, como a Suécia (58%) e a Finlândia (65%).” (Caetano, Tavares e Reis, 2003: 441).

De qualquer das formas, são os jovens portugueses que vivem sozinhos aqueles em que o padrão de resposta mais se diferencia.

Gráfico 10: Percepção sobre o rendimento do agregado dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total de jovens e os que vivem sozinhos) (%)

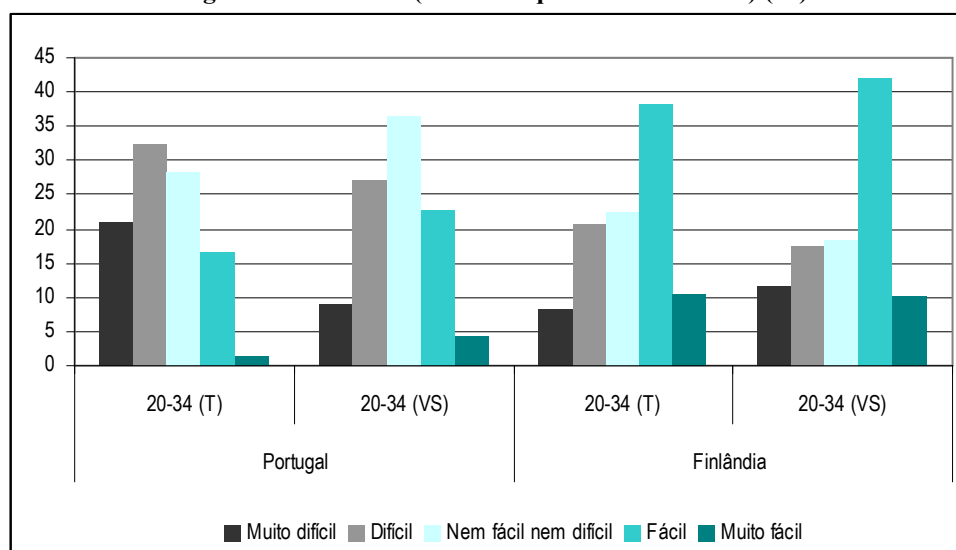


Fonte: European Social Survey, 2004

A autonomia financeira é definida também pelo recurso a ajudas externas, seja em forma de empréstimos, de subsídios ou de apoios. O gráfico seguinte informa que são os jovens finlandeses os que menos problemas vêm/encontram em pedir dinheiro emprestado para conseguir viver. Para cerca de metade dos jovens finlandeses (vivam ou não sozinhos) seria fácil ou muito fácil “pedir dinheiro emprestado para conseguir viver” e, para mais de metade dos jovens portugueses (e para um terço dos que vivem sozinhos) isso seria difícil ou muito difícil. Como é que tal facilidade, entre os finlandeses, se coaduna com valores de autonomia? O nível de dificuldade que constava na escala de resposta no questionário pode ter sido entendido pelos inquiridos do ponto de vista dos obstáculos sociais a esse recurso (vergonha em fazê-lo, estigmatização por fazê-lo) ou do ponto de vista dos obstáculos formais e institucionais e/ou estatais a esse recurso.

Os dados insinuam que a segunda interpretação terá sido a mais frequente e é nessa medida que é provável que os jovens finlandeses, em situações de dificuldades financeiras graves, considerem fácil o recurso a uma ajuda financeira, sendo que estas situações estarão previstas pelo Estado em políticas sociais às quais os jovens podem recorrer. Assim, vendo-a como uma solução relativamente acessível, legítima e aceite socialmente, socorrem-se do Estado como a um direito que lhes é atribuído enquanto cidadãos. É provável, então, que entendam esta ajuda como uma decisão natural e “fácil”.

Gráfico 11: Se, por alguma razão, tivesse dificuldades financeiras graves e tivesse que pedir dinheiro emprestado para conseguir viver, acha que isso seria..., jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total e os que vivem sozinhos) (%)



Fonte: European Social Survey, 2004

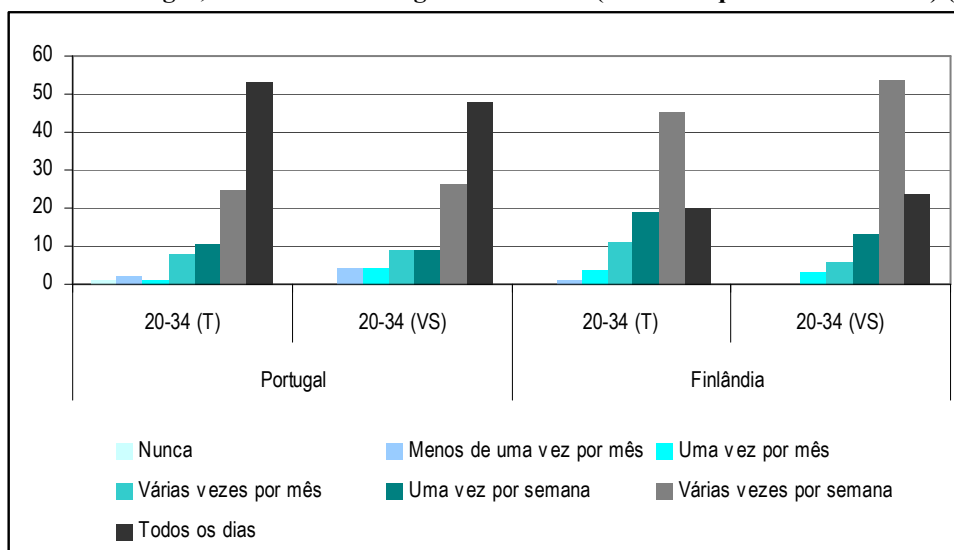
Quotidiano em idade jovem-adulta

Os três gráficos seguintes exploram algumas variáveis relacionadas com o dia-a-dia destes jovens e a forma este quotidiano se constrói em intimidade e convivialidade com amigos, familiares ou colegas de trabalho.

Assim, podemos verificar no gráfico seguinte que a grande diferença entre os jovens portugueses e os jovens finlandeses é o facto dos portugueses (ligeiramente menos os que moram sozinhos) terem os seus quotidianos absolutamente definidos por esta convivência com amigos, familiares ou amigos. Esta convivência tem, para cerca de metade destes jovens, a frequência diária. Ora tal não se repete no estilo de vida dos jovens finlandeses. De facto, são cerca de 20% os jovens que convivem todos os dias com os seus amigos, familiares ou colegas de trabalho, sendo que a grande maioria queda-se pelas “várias vezes por semana”.

A principal distinção entre a diferenciação finlandesa entre jovens que moram sozinhos e jovens que não moram sozinhos e a mesma diferenciação em Portugal é que enquanto que os jovens finlandeses que moram sozinhos revelam uma maior frequência nestes convívios do que o total dos jovens, em Portugal é o inverso que ocorre.

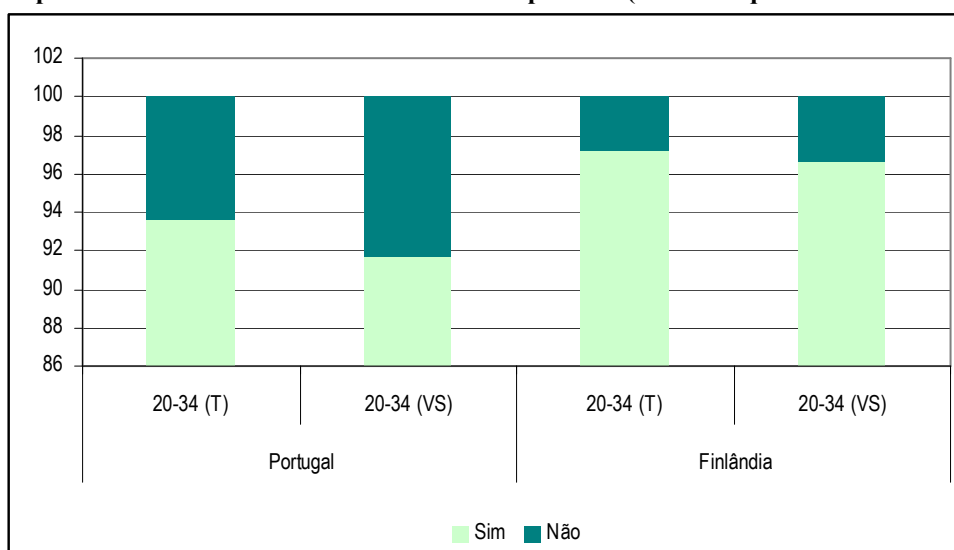
Gráfico 12: Frequência com que os jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia convivem com amigos, familiares ou colegas de trabalho (total e os que vivem sozinhos) (%)



Fonte: European Social Survey, 2004

Tendo em conta o gráfico anterior, seria de esperar que a completar um convívio diário que ocorre entre os portugueses, se construíssem relações de intimidade construídas com base na partilha de confidências. Pelo contrário, são os portugueses, que apresentam uma maior frequência nos convívios com amigos, familiares ou colegas de trabalho, que simultaneamente apresentam percentagens menos elevadas na afirmação de que têm “alguém com quem possa conversar sobre assuntos íntimos e pessoais”. Não se verificam, porém, grandes diferenças entre os jovens que moram sozinhos e o total de jovens, em ambos os países. A diferenciação nesta variável, bem como na anterior, é explicada pelo contexto nacional e não pelo habitacional.

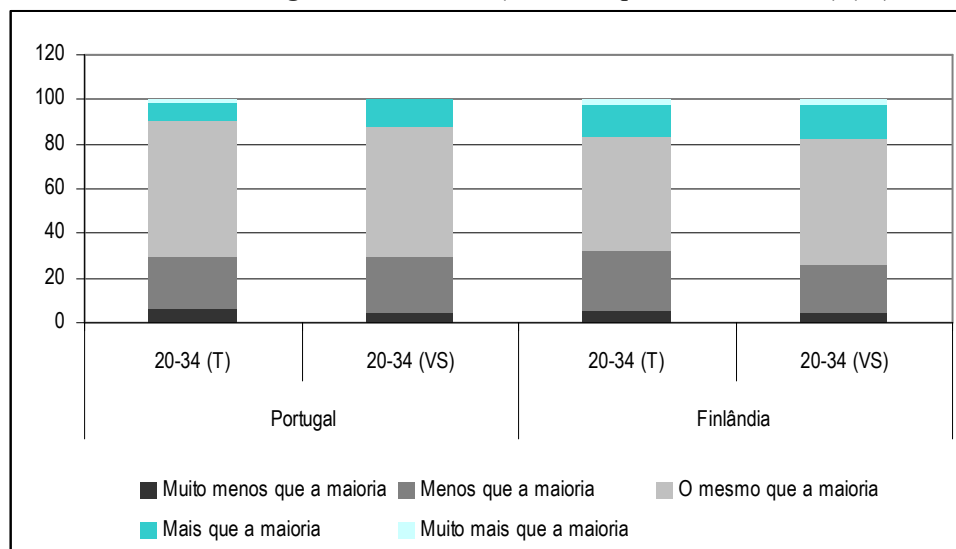
Gráfico 13: Frequência de ter alguém com quem os jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia possam conversar sobre assuntos íntimos e pessoais (total e os que vivem sozinhos) (%)



Fonte: European Social Survey, 2004

Quando temos em conta a participação em actividades sociais (e não em “convívios com amigos, familiares e colegas de trabalho”) verificamos que são os finlandeses que maiores percentagens apresentam. É de referir que, tanto na Finlândia como em Portugal, os jovens que vivem sozinhos não apresentam características distintivas da população jovem em geral do seu país.

Gráfico 14: Regularidade comparativa de participação em actividades sociais dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total e os que vivem sozinhos) (%)



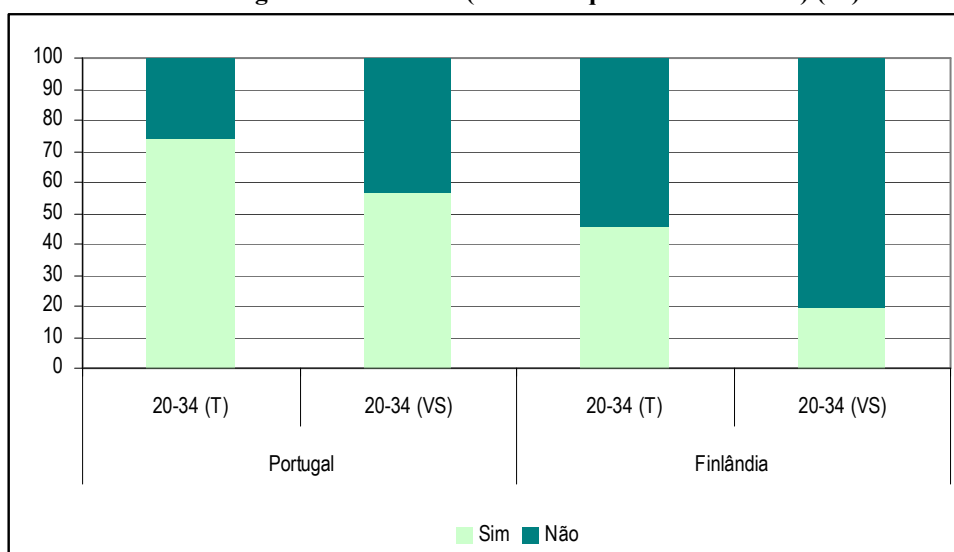
Fonte: European Social Survey, 2004

Habitação própria e condições de habitabilidade

Quanto à propriedade associada à situação de autonomia habitacional podemos verificar no quadro seguinte que os dois grupos de jovens aqui considerados apresentam padrões de resposta diferentes, e que essa diferenciação é também visível ao nível dos países. Ainda assim, verificam-se algumas regularidades: em Portugal mais de metade dos jovens já têm casa própria (enquanto que na Finlândia menos de metade a tem), e morar sozinho aumenta a probabilidade de não se ter casa própria (em ambos os países).

Desta forma, em Portugal, independentemente da dificuldade em gerir o rendimento mensal, independentemente da instabilidade do emprego, a questão da propriedade parece ser uma prioridade relativamente à Finlândia. Em Portugal, apesar dos padrões de resposta que, a propósito de outras variáveis, têm vindo a ser explorados, a propriedade de uma casa ultrapassa muitos outros objectivos de vida, sendo talvez por isso que viver sozinho na juventude é pouco comum. Mesmo entre os jovens que usufruíam ou pretendiam usufruir do Incentivo ao Arrendamento por Jovens, “94,7% dos inquiridos dão muita (72,8%) ou alguma importância (21,9%) a terem, nem que seja a longo prazo, uma casa que seja sua propriedade. Assim sendo, os jovens autónomos também dão muita importância a ter uma casa realmente sua, mas não hipotecaram a sua autonomia habitacional em função disso. É ainda de referir que as mulheres, mais até do que os homens, valorizam a casa enquanto propriedade” (Nico, 2005: 74).

Gráfico 15: Casa enquanto propriedade própria dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total e os que vivem sozinhos) (%)

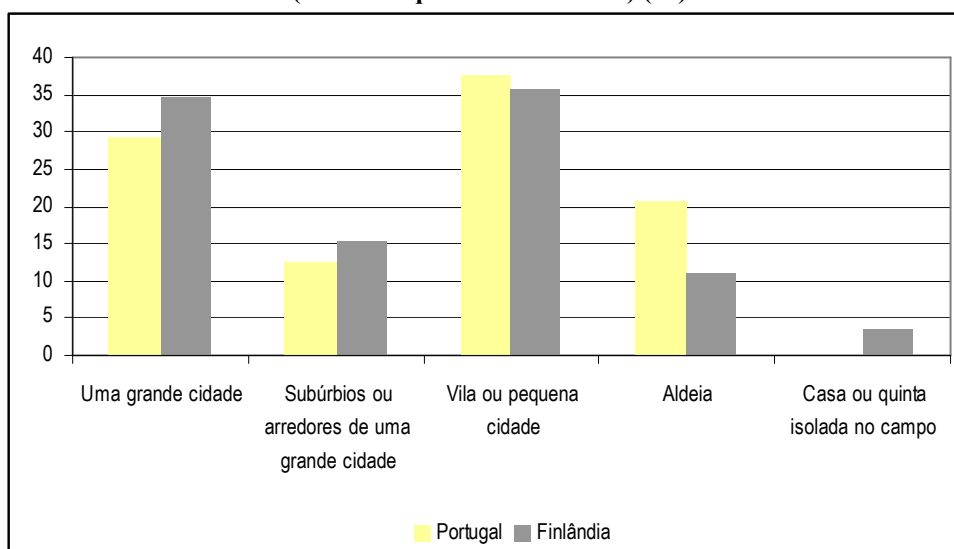


Fonte: European Social Survey, 2004

Em Portugal, a saída de casa sem ser por projecto conjugal (casamento ou união de facto) é mais frequente nos centros urbanos¹⁷. No gráfico seguinte, verifica-se que, entre os jovens que moram sozinhos, a maior frequência ocorre, para ambos os países aqui considerados, nas vilas ou pequenas cidades (ligeiramente mais frequente em Portugal do que na Finlândia) e, com percentagens próximas, nas grandes cidades (ligeiramente mais frequente na Finlândia do que em Portugal).

Os subúrbios das grandes cidades são muito pouco frequentes como local de destinos dos jovens que vivem sós, sendo que até as aldeias são mais frequentes. No caso da Finlândia esta ruralidade entre os jovens que vivem sozinhos é verificada não só em aldeias mas também em casas ou quintas isoladas no campo.

Gráfico 16: Residência dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total e os que vivem sozinhos) (%)

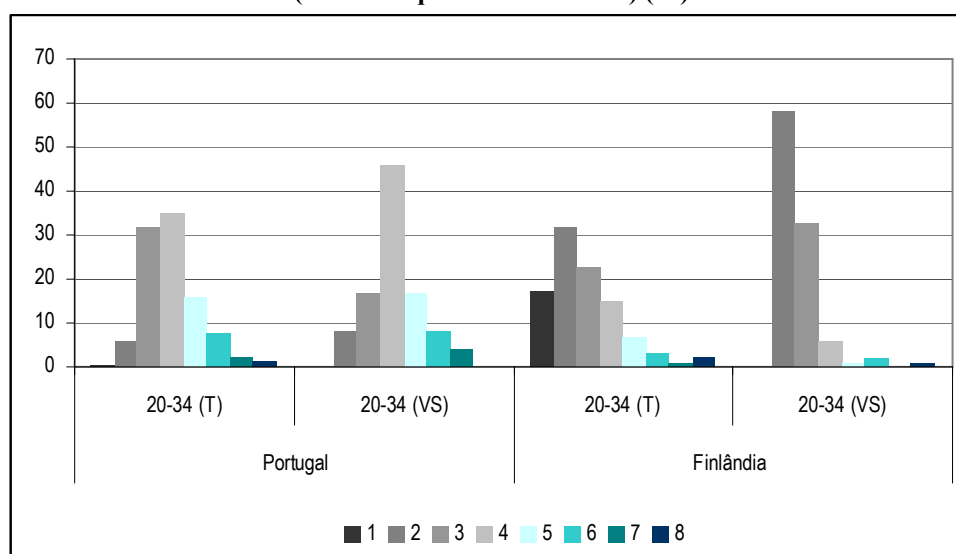


Fonte: European Social Survey, 2004

¹⁷ Apesar de este mercado de arrendamento se caracterizar por uma desadequação às necessidades dos jovens autónomos (falta de mobília, assoalhadas desnecessárias, etc.) e as suas possibilidades financeiras.

No gráfico 18 podemos constatar que, de facto, a propriedade da casa é um aspecto de grande importância para os portugueses, que a encaram mais como um património do que como um investimento ou como um bem que vem satisfazer uma necessidade passageira. Assim se explica o facto de, em Portugal, independentemente das condições económicas e sociais poderem ser complicadas, se comprarem mais casas e de, para além disso, as casas corresponderem (mesmo para os que actualmente moram sozinhos) a investimentos pensados a longo prazo. Este investimento mais arrojado é visível no número de assoalhadas que a casa (onde vivem) tem. Em Portugal, ainda que em menor escala no caso dos jovens que vivem sozinhos, o número de assoalhadas é consideravelmente mais elevado que no caso da Finlândia. É também de referir que na Finlândia, entre os jovens que moram sozinhos, quase todos moram em casas com duas ou três assoalhadas, enquanto que é entre os restantes jovens finlandeses que o número de assoalhadas é muito diverso, o que reflectirá também a diversidade de situações familiares e número de membros do agregado.

Gráfico 17: Assoalhadas da casa dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total e os que vivem sozinhos) (%)



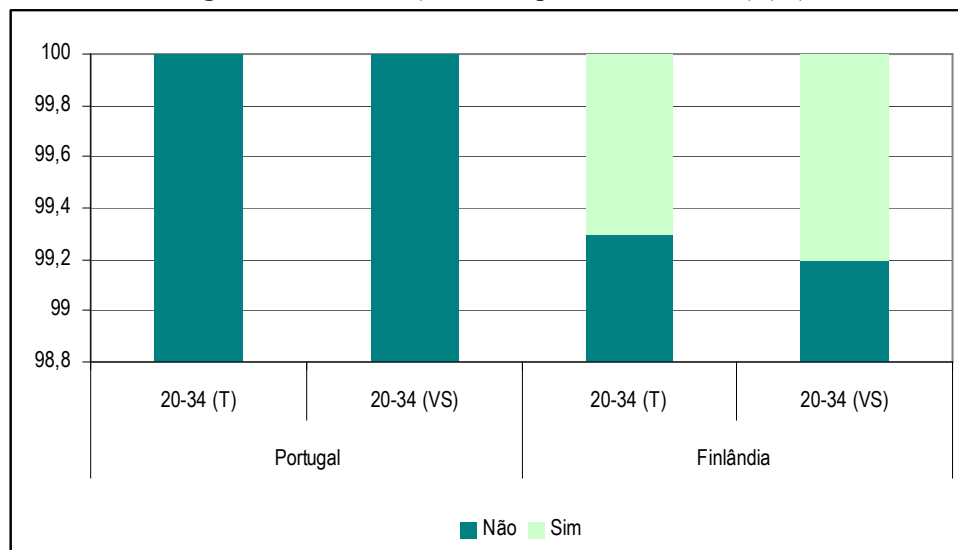
Fonte: European Social Survey, 2004

Sentimentos de discriminação com base no género

Pode verificar-se, no gráfico seguinte que enquanto que em Portugal, a totalidade dos jovens negam alguma vez terem-se sentido discriminados com base no género, na Finlândia, embora reduzida, verifica-se uma percentagem de indivíduos a referirem que já se sentiram discriminados com base no género (sendo esta percentagem ligeiramente mais elevada no caso dos que moram sozinhos).

Recordando o contexto das políticas sociais e familiares da Finlândia e as de Portugal, parece estranho este padrão de respostas. No entanto, o que este padrão revela, mais do que a existência de episódios de discriminação com base no género, é a consciência e alerta sociais para estes mesmos episódios, (causa e consequência precisamente das políticas sociais e familiares), o que, por sua vez, facilita a sua identificação (neste caso, visível no caso da Finlândia) e a destruição da sua invisibilidade.

Gráfico 18: Auto percepção de discriminação de género dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total e os que vivem sozinhos) (%)



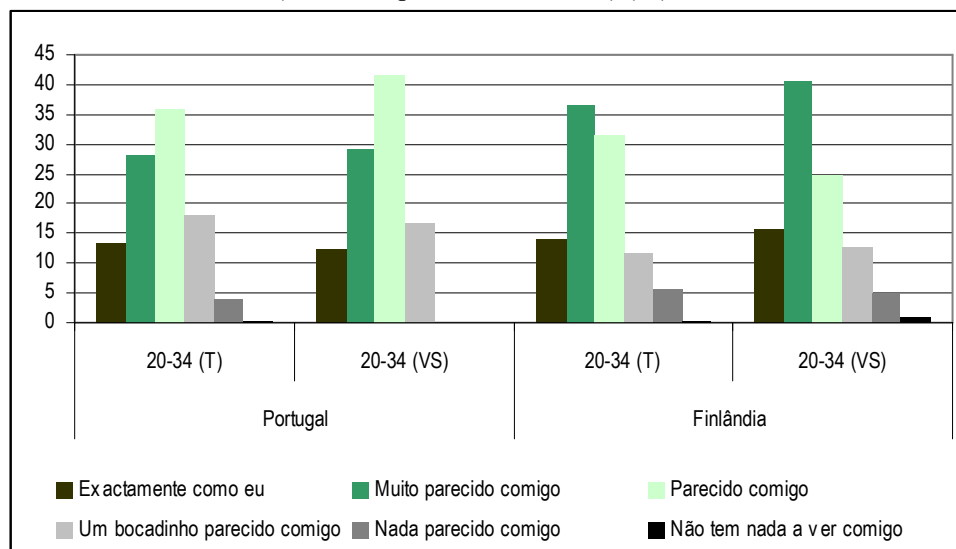
Fonte: European Social Survey, 2004

Alguns Valores Humanos

Os três gráficos seguintes representam algumas das questões abordadas na temática dos valores. Veremos nestes gráficos, bem como na fraca expressão numérica dos jovens a viver sozinhos em Portugal, reflectidas muitas das distinções sociais que temos vindo a descrever. No gráfico seguinte está abordada a questão da importância atribuída à criatividade individual e neste pode verificar-se que são os jovens portugueses que vivem sozinhos os que mais consensualmente se identificam com esta máxima, na medida em que nunca afirmam que este tipo de pessoa seria “nada parecido” consigo ou que “não tem nada a ver” consigo.

Porém, se observarmos a intensidade dessa identificação, verificamos que é entre os finlandeses (seja o total de idades compreendidas entre os 20 e os 34 anos, sejam os que, desta idade, vivem sozinhos) que a percentagem de indivíduos a assumirem uma total ou significativa identificação com “uma pessoa que dá importância a ter novas ideias e ser criativo, gosta de fazer as coisas à sua maneira” é maior. Os portugueses têm maior tendência para uma identificação em massa mas, por outro lado, pouco intensa.

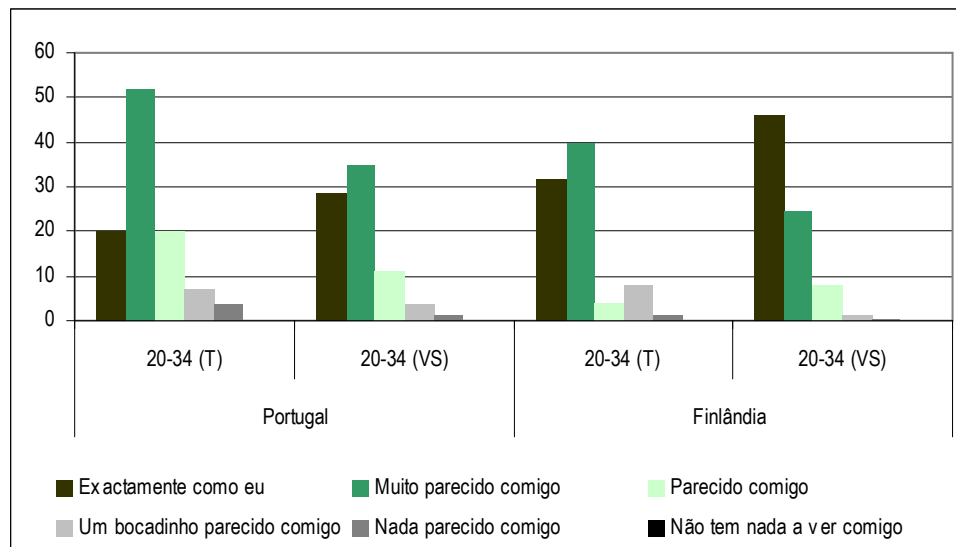
Gráfico 19: Identificação com *Uma pessoa que dá importância a ter novas ideias e ser criativo. Gosta de fazer as coisas à sua maneira* dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total e os que vivem sozinhos) (%)



Fonte: European Social Survey, 2004

O nível de identificação com a frase do gráfico seguinte é de grande importância enquanto indicador ideal tipo de jovem em busca de autonomia habitacional. O nível de identificação com “uma pessoa para quem é importante tomar as suas próprias decisões sobre o que faz. Gosta de ser livre e não estar dependente dos outros”, nos dois países e nos dois “tipos” de jovens aqui considerados, elevado. No entanto, à medida que se avança num sentido que se pode aferir de tradição \Rightarrow modernidade (total jovens Portugal, jovens autónomos Portugal, total jovens Finlândia, jovens autónomos Finlândia) aumenta percentualmente a maior identificação (“exactamente como eu”) e diminui, grosso modo, a identificação de seguinte importância (“muito parecida comigo”).

Gráfico 20: Identificação com uma pessoa para quem é importante tomar as suas próprias decisões sobre o que faz. Gosta de ser livre e não estar dependente dos outros dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total e os que vivem sozinhos) (%)



Fonte: European Social Survey, 2004

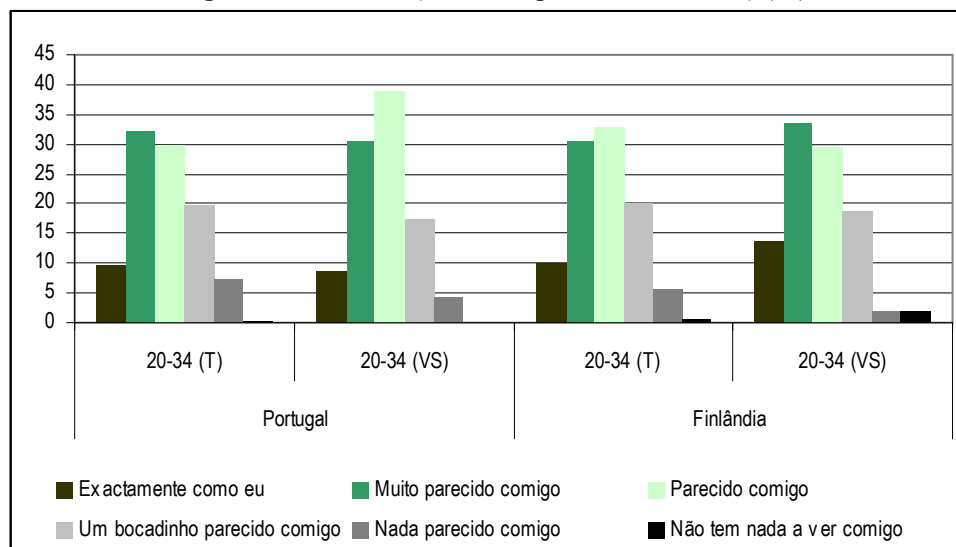
No quadro seguinte podemos verificar a importância do “lazer” entre os jovens portugueses e finlandeses. Em todos os “tipos” de jovens aqui analisados a percentagem dos que consideram que “uma pessoa que procura aproveitar todas as oportunidades para se divertir. É importante fazer coisas que lhe dão prazer” é exactamente igual a si ou muito parecido consigo varia entre os 37 e os 47%. Entre os dois tipos de jovens portugueses a diferença percentual é menor mas oposta à da Finlândia. De facto, esta questão do divertimento constitui menor identificação por parte dos jovens portugueses que vivem sozinhos do que relativamente ao total dos jovens dos 20 aos 34 anos. Contudo, no caso da Finlândia, o padrão de resposta é inverso¹⁸: são os jovens que moram sozinhos que mais se identificam com esta “pessoa” apresentada no inquérito. Por outro lado, são os jovens que moram sozinhos, de ambos os países, que menos “recusam” este tipo de pessoa, apresentando muito baixas percentagens de respostas do tipo “Nada parecido comigo” ou “Não tem nada a ver comigo”.

De facto, já entre os jovens inquiridos¹⁹ no âmbito da dissertação de mestrado, cerca de $\frac{2}{3}$ do total afirmavam que “Ser independente financeira e habitacionalmente dos meus pais implica ter dificuldades económicas que me inibem as oportunidades de lazer”.

¹⁸ Também influenciado pelo facto de, entre os jovens que vivem sozinhos, alguns (e mais do que ocorre na amostra Portuguesa) ainda se encontrarem a estudar e apresentarem uma estrutura etária mais jovem.

¹⁹ Isto é, indivíduos que já usufruem de incentivo público na ajuda do aluguer da casa.

Gráfico 21: Identificação com uma pessoa que procura aproveitar todas as oportunidades para se divertir. É importante para ele fazer coisas que lhe dão prazer dos jovens dos 20 aos 34 anos de Portugal e da Finlândia (total e os que vivem sozinhos) (%)



Fonte: European Social Survey, 2004

Notas finais

Os dados apresentados representam uma primeira e exploratória análise da diversidade de contextos de autonomia habitacional não conjugal na idade adulta na Europa, pelo que proporcionaram mais pistas para o desenvolvimento da pesquisa do que conclusões encerradas.

A presente análise de variáveis de carácter tão diferenciado dos jovens da Finlândia e de Portugal com dois perfis distintos de autonomia habitacional veio confirmar a bipolaridade explicativa da tendência para a autonomização dos jovens. Num pólo, factores conjunturais como os sistemas de protecção social e o mercado habitacional, num outro pólo, factores culturais pelos anteriores também assegurados, que se exprimem na maior ou menor atracção pela autonomização e pela individualização. Esta autonomização pode ser medida pela autonomia habitacional não conjugal, por esta ter o potencial de ser *autónoma* das chamadas etapas da transição para a vida adulta, por se constituir como um indicador, sem o ruído da escolaridade, da empregabilidade e da conjugalidade, da transição para a vida adulta.

Assim, nesta bipolaridade explicativa da autonomia habitacional não conjugal encontramos a, por um lado, *autonomia possível*, enquadrada por apoios estatais proporcionados por políticas de juventude e/ou de habitação e por sistemas de protecção social que respeitem percursos de autonomização dos jovens. Por outro lado, encontramos a *autonomia desejada*, expressa pela identificação da descoincidência entre a emancipação face ao agregado doméstico de origem e a entrada na conjugalidade como uma importante etapa e conquista da vida adulta. Neste segundo pólo recorrer-se-á, no decorrer da pesquisa, aos discursos e interpretações dos jovens e das famílias (de origem e conjugal) entre os quais o *timing* e os requisitos de saída de casa dos pais são tácita ou explicitamente negociados.

Deste modo, é na conjugação entre a *autonomia possível* e a *autonomia desejada* que se tenciona, no desenvolvimento desta pesquisa, compreender as trajectórias da *autonomia conquistada* em contexto de ausência de projecto conjugal.

Bibliografia

Aquilino, William S. (1991) "Family Structure and Home-Leaving- A Further Specification of the Relationship" in *Journal of Marriage and the Family*, Vol. 53, nº 4, pp.999-1010.

Blossfeld, Hans-Peter; Klijzing, Erik; Mills, Melinda; Kurz, Karin (eds.); *Globalization, Uncertainty and Youth in Society* (2005), Globalife, Routledge, Nova Iorque.

Buck, Nicholas; Scott, Jacqueline (1993), "She's Leaving Home- But Why? An Analysis of Young People Leaving" in *Journal of Marriage and the Family*, Vol. 55, nº 4, pp. 863-874.

Caetano, António; Tavares, Susana; Reis, Rita (2003), "Valores do Trabalho em Portugal e na União Europeia" in Vala, Jorge; Cabral, Manuel Villaverde; Ramos, Alice (orgs) (2003); *Atitudes Sociais dos Portugueses*, ICS, Lisboa.

European Foundation for the improvement of Living and Working Conditions (2005) *First European Quality of life Survey: Families, work and social networks*.

European Social Survey - 2004, em <http://www.europeansocialsurvey.org/>, consultado em 30 de Setembro de 2007

Goldscheider, Frances K.; Goldscheider, Calvin (1993), *Leaving home before marriage: ethnicity, familism and generational relationships*, Madison.

Goldscheider, Frances Kobrin; Da Vanzo, Julie (1985); "Living Arrangements and Family Formation Attitudes in Early Adulthood" in *Demography*, Vol. 22, nº 4, pp. 545- 563.

Guerreiro, Maria das Dores; Abrantes, Pedro; (2004), *Transições Incertas, Os jovens perante o trabalho e a família*, Estudos nº 2, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros, Ministério das Actividades Económicas e do Trabalho, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

INE (Instituto Nacional de Estatística), em www.ine.pt, consultado em 30 de Setembro de 2007

Michael, Robert T.; Fuchs, Victor R., Scott, Sharon R. (1980), "Changes in the Propensity to Live Alone- 1950-1976" in *Demography*, Vol. 17, nº 1, pp. 39-56.

Mitchell, Barbara A., Wister, Andrew V.; Burch, Thomas K. (1989) "The Family Environment and Leaving the Parental Home" in *Journal of Marriage and the Family*, Vol. 51, nº 3, pp. 605-613.

Nico, Magda Lalanda (2005), "Quem não casa também quer casa. A conquista de autonomia habitacional na construção das identidades d@s jovens e das (in)dependências familiares", Dissertação de Mestrado em Família e Sociedade, ISCTE.

Oinonen, Erikka (2004), *Finnish and Spanish Families in Converging Europe*; Cityoffset Oy; Tampere.

Singly, François de (2000), *O eu, o casal e a família*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Torres, Anália, “Casar porque não?” in Pais, José Machado; Chisholm, Lynne (coord.) (1997), *Jovens em mudança / Actas do Congresso Internacional Growing up between centre and periphery Lisboa, 2-4 de Maio de 1996*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Torres, Anália; Mendes, Rita; Lapa, Tiago (2007), “Famílias na Europa” in Vala, Jorge; Torres, Anália (orgs.); *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, ICS, Lisboa.

Waite, Linda J.; Goldscheider, Frances Kobrin; Witsberger, Christina (1986), “Nonfamily Living and the Erosion of Traditional Family Orientations among young adults” in *American Sociological Review*, Vol. 51, nº4, pp. 541- 554.

White, Lynn (1994), “Coresidence and Leaving Home- Young Adults and Their Parents” in *Annual Review of Sociology*, Vol. 20, pp. 81-102.